

A SEXUALIDADE NO CURRÍCULO DA 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Desafios para os Docentes

ROSEMEIRE VALENTIM PAZZINI

Rosemeire Valentim Pazzini é pedagoga e professora efetiva nas redes municipais de ensino da cidade de São Paulo e Osasco, atuando na educação infantil e ensino fundamental. Especialista em Gestão Pública pela UTFPR.

RESUMO

Este artigo discute a importância de se incluir nas práticas educacionais com crianças do quinto ano de ensino fundamental I tempo e espaço para se tratar de assuntos relacionados à sexualidade, a partir da leitura que se faz das próprias curiosidades trazidas pelos alunos, com base em uma concepção de currículo voltada para o diálogo. O estudo teve como referência o relato de práticas ocorridas em uma escola pública da cidade de Osasco. Apresenta as principais dúvidas trazidas pelos alunos, demonstrando que a sexualidade está relacionada às emoções, sentimentos e com a forma como nos relacionamos com outras pessoas e traz inquietações desde a infância, que necessitam ser ouvidas por educadores dentro do contexto escolar. Como desafio apresentado, o artigo também fará um estudo sobre as principais dificuldades encontradas pelos professores da referida escola e de escolas circunvizinhas no trato com estas inquietações. Para demonstrar estas dificuldades, utilizou-se uma metodologia de cunho qualitativo, com coletas de dados feitas por meio de entrevistas semiestruturadas e abordando temas de gêneros e sexualidade como categoria de análise. Como resultado, o estudo aponta para a necessidade de escola e professores reverem as suas práticas em relação à educação afetiva e sexual de nossas crianças, pois o tema, extremamente interessante para os alunos, demanda aspectos pedagógicos, sociais, culturais e de saúde.

PALAVRAS CHAVES

Sexualidade. Diálogo. Currículo. Educação. Educação sexual. Curiosidade. Escola e família.

SEXUALIDADE: TEMA INERENTE AO SER HUMANO E AO CURRÍCULO DA ESCOLA

A sexualidade é inerente ao ser humano, afinal perpetuamos a nossa espécie através dela; no entanto, ela também envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, processos profundamente culturais, sociais e plurais. Conforme afirma Faccioli e Ribeiro:

Mais do que um ato sexual e de reprodução, ela envolve pessoas, sentimentos e relacionamentos. Implicam aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisão. A sexualidade é uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar de desejo, do prazer, e da responsabilidade. (FACCIOLI, RIBEIRO, 2000, p.50)

Apesar de toda a sua importância na formação integral do ser humano, ela é, ainda hoje, um dos assuntos mais rejeitados pelo espaço escolar e nas práticas docentes.

Enquanto educadores, quando pensamos nas questões da sexualidade, imediatamente nos remetemos à família, que assumia sozinha o papel de observar o crescimento físico dos filhos e determinar um tempo correto para discutir as consequências de duplo dimensionamento desta transformação, segundo Aquino (1997, p.9), “o do prazer relacionado à afetividade e dos cuidados necessários no que tange ao sexo”. Esquecemos que estas discussões não ocorrem mais somente no seio familiar, ainda mais em um modelo de família cada vez mais diversificado e contrário ao que insistimos em manter no nosso universo imaginário, como tampouco neste tempo que permanentemente consideramos adequado.

Pensando em educação que forme para a vida, a escola, lugar privilegiado de inúmeras relações, com foco na socialização do conhecimento, não pode ignorar questões pertinentes como a sexualidade, a diversidade e identidade sexual, que são claramente observadas quando educadores permitem-se ler o mundo onde se insere os seus alunos.

Conforme afirma Padilha:

Vivemos desafiados como cidadãos e cidadãs, educadores e educadoras, a trabalharmos na busca de relações pessoais e interpessoais mais coerentes com o ideal de uma sociedade mais justa, pacífica, solidária e sem preconceitos. No âmbito da educação, podemos considerar a problemática da diversidade e da identidade sexual um tema sempre presente nas nossas aulas e nos nossos currículos. (PADILHA, 2011)

As questões da sexualidade chegam hoje aos nossos alunos e alunas muito mais cedo e por fontes diversas, como a mídia, os jogos, as músicas, as brincadeiras. Percebemos ela aflorar no próprio espaço escolar, quando nos deparamos com banheiros repletos de desenhos relacionados ao ato sexual, nas danças insinuantes

e eróticas das meninas e dos meninos, nos repertórios musicais selecionados por eles, nas insinuações mais fervorosas sobre decotes, roupas justas ou curtas, nas ofensas verbais entre eles, quando destacam o “bicha” ou a “vagabunda”, adjetivos carregados de conhecimentos relacionados ao sexo, também nos textos escritos com narrações de encontros amorosos picantes, chegando ao ponto extremo de termos meninas de 12 anos grávidas na sala de aula. Hoje as questões da sexualidade deixam de ser assunto familiar e passam a estar contextualizadas em outras instituições e a escola é inevitavelmente uma delas.

Portanto, ou continuamos ignorando que a sexualidade já adentrou os muros escolares, acreditando que é tema específico da família, ou passamos a tratá-la como problemática que é parte essencial do currículo da escola – aquele que é vivenciado cotidianamente – reconhecendo a função social da instituição escolar e promovendo iniciativas de interlocução da escola com a sexualidade infantil e juvenil por meio de intervenções dirigidas, educativas e contextualizadas com o universo de nossas crianças, repensando os limites e as possibilidades desta intervenção, mantendo como foco as questões do prazer relacionado ao afeto e do cuidado com as consequências de uma vida sexual desinformada, que envolve doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS, aborto, gravidez indesejada, pedofilia, homossexualismo e outros temas (Aquino, 1997). Desvincular a escola das disciplinas postas como currículo prescrito é o grande desafio dos educadores da atualidade. Devemos desvincular a ideia conservadora de que a função da escola é conduzir o aluno a apropriar-se unicamente dos conteúdos tradicionais das disciplinas curriculares: matemática, geografia, história, língua portuguesa, biologia etc.

Neste contexto é importante ressaltar as palavras do professor Vítor Paro:

O fim da educação é favorecer uma vida com maior satisfação individual e melhor convivência social. A educação como parte da vida, e principalmente aprender a viver com a plenitude que a história nos possibilita. Por ela se toma contato com o belo, com o justo e com o verdadeiro, aprende-se a compreendê-los, a admirá-los, a valorizá-los e a concorrer para a sua construção histórica. (PARO, 2001 p.38)

Este artigo tem por finalidade apresentar uma pesquisa sobre algumas curiosidades relacionadas às questões da sexualidade com alunos do quinto ano de uma escola municipal da cidade de Osasco no ano de 2012 e demonstrar como que, sob uma forma dialógica de escuta e de pesquisa, foi possível desencadear novos saberes e aprendizagens, focando com prioridade as questões sobre valores, como amor e respeito, que solidificam as relações estabelecidas entre os pares. Principalmente quando falamos sobre sentimentos e sobre os cuidados que estas relações requerem, tanto nos aspectos físicos como emocionais. O estudo também proporcionou refletir sobre as concepções dos docentes sobre o tema e dificuldades encontradas pelos professores da referida escola e outros de escolas vizinhas, bem como analisar as suas práticas no tocante ao desenvolvimento do tema sexualidade.

SEXO, SEXUALIDADE E A CURIOSIDADE INTERDISCIPLINAR SOBRE OS TEMAS

O sexo é uma característica com a qual nascemos que possibilita definir o gênero em masculino e feminino. Em contrapartida, a sexualidade é a forma como nos relacionamos com os outros, envolvendo emoções, sensações e sentimentos, independente do sexo com o qual nascemos. Dentro do espaço escolar, não deixar de ouvir as curiosidades relacionadas ao sexo, deixar de vê-lo como tabu e dar a ele o significado de amor, afeto e prazer entre as pessoas que se respeitam e se conhecem é atribuir à sexualidade o reconhecimento de uma parte fundamental na formação humana. Os nossos alunos trazem para os corredores e salas de aula as suas mentes e seus corpos. Reconhecer que a sexualidade é vivida pelo ser humano desde a tenra idade e dialogar com os alunos sobre as curiosidades que surgem a partir dela, desmistificando conceitos arbitrários que alguns veículos de informação trazem aos nossos jovens e crianças, é tornar estas crianças adultos que saibam enfrentar os desafios que a vida lhes impõe relacionados à sua sexualidade, refletindo, inclusive, sobre as consequências de seus atos (BRASIL, 2000).

Nessa perspectiva, a pesquisa foi realizada com uma professora do quinto ano, em uma escola pública municipal na cidade de Osasco, elencando diversas curiosidades apontadas pelos seus alunos.

Durante um torneio de campeonato de futebol entre as classes dos quintos anos, percebeu-se uma euforia grande por parte das meninas em organizar equipes de torcidas. O uniforme escolhido e composto de curtas blusas e curtos *shorts* deixaram os meninos sem condições de participarem dos jogos, pois eles diziam que os movimentos das danças ensaiados pelas meninas tiravam-lhes a concentração. Isso reafirma que a sexualidade como forma de manifestação de sensações, emoções e sentimentos adentra os muros escolares, queiram ou não os professores, e fechar os olhos para o fato é negligenciar o currículo oculto e ao mesmo tempo tão presente.

A partir da leitura do contexto, sugeriu-se que as crianças em casa, num momento tranquilo e individual, refletissem sobre as transformações que estavam ocorrendo em seus corpos e, se quisessem, registrassem estas transformações. Envolvidos num relacionamento de confiança já estabelecido mutuamente, no dia seguinte todos os alunos num clima de muita descontração e euforia trocavam as informações de seus registros e de suas reflexões. Diziam eles sobre alguns pelos que surgiam nas genitálias, axilas e pernas, sobre as sensações que sentiam quando viam cenas de namoros ou nudez na televisão ou revistas, sobre alterações de humor, sobre as mudanças dos gostos de brinquedos e brincadeiras, substituindo bonecas por bijuterias e maquiagem, sobre o olhar diferenciado que passaram a ter em relação ao sexo oposto, sobre os novos odores que percebiam em seus corpos, sobre alteração do tom de voz. Alguns meninos, inclusive, descreveram terem vivenciado as primeiras ejaculações e as meninas o início da menstruação, desconhecendo totalmente o que estavam vivenciando em seus próprios corpos.

Como em reunião de pais já se havia informado sobre a possibilidade de, a qualquer momento, se introduzir o sistema reprodutor como tema curricular, a situação proporcionou condições para se abrir um diálogo sobre todas estas transformações e vislumbrou-se o momento para discutir outros temas relacionados à sexualidade. Houve respostas a todas as indagações referentes às transformações descritas, enfatizando as alterações hormonais, que são comuns nesta faixa etária em função do início da puberdade. Propôs-se que na próxima aula os alunos trouxessem outras curiosidades que eles tinham em relação ao tema sexo e sexualidade.

As curiosidades foram surpreendentes, pois se percebeu que alunos do quinto ano do ensino fundamental, com idades que variam entre 10 e 11 anos, já trazem consigo um repertório grande de dúvidas, demonstrando uma imensa necessidade de diálogo. Com seriedade e respeito trazem para o professor-mediador as suas angústias, com a confiança de que serão ouvidos. Neste contexto de escuta, que é a principal ferramenta utilizada pela professora, as crianças se deparam com a possibilidade de introduzir novas questões. Então o aprendizado ocorre naturalmente e prazerosamente, pois os alunos percebem que o diálogo estabelecido ultrapassa a cultura escolar de discutir assuntos com o intuito de devolverem respostas estáveis e corretas. A ausência de formas autoritárias de interação social estimula o surgimento de novas perguntas e proporciona ao professor estender o debate, pois o interesse permanece ao longo do diálogo (Britzman, 2003). Vale ressaltar que, à medida que crianças fazem coletivamente o levantamento das curiosidades e que o educador atribui-lhes a atenção necessária como temas geradores, ambos constroem juntos o currículo, possibilitando, inclusive, o diálogo com todas as disciplinas, inter e transversalizando o conhecimento. Conforme afirma Padilha, "(...) Transversalidade, que estaria se contrapondo, por exemplo, aos temas transversais propostos pelos PCNs (Brasil, 1997), uma vez que na escola os temas geradores, os contextos geradores ou os complexos temáticos é que dão vida ao currículo" (Padilha, 2007, p.98).

Destacaram-se as perguntas: Como se faz os bebês? O que é a coisa branca que sai do meu pênis? Por que a mulher sangra pela vagina? Transar dói? O que é ser virgem? Como são feitos os gêmeos? O "gay" fica grávido? Mulher grávida pode transar? Por que o meu pênis fica duro? O que é um aborto? Por que a mulher coloca silicone no peito? Como posso não ficar grávida? O que é camisinha? Com quantos anos posso engravidar? Com quantos anos posso transar? Por que existem "gays" e "sapatões"? Eu preciso casar para transar? Por que os pais se separam? Por que algumas mulheres não conseguem ter filhos? Como nascem os bebês? Como se alimentam os bebês na barriga da mãe? O que é ser um pedófilo? O que é homofobia? Como é feito o leite no peito da mulher? Cada vez que eu transar eu vou ficar grávida? O que é abuso sexual? O que é tesão? O que é AIDS?

Os alunos foram escutados e todas as perguntas foram discutidas e respondidas. As práticas que se estenderam posteriormente proporcionaram uma discussão mais aprofundada de acordo com cada tema elencado. Fizeram pesquisas sobre as doenças venéreas, assistiram filmes que abordavam o tema preconceito contra as diferenças, analisaram o dorso humano, visualizando os órgãos que compõe os

sistemas reprodutores femininos e masculinos, discutindo a função de cada um deles, fizeram rodas de conversa e debates sobre os relacionamentos humanos com respeito às orientações sexuais de cada indivíduo e sobre os cuidados que envolvem os relacionamentos no tocante às emoções, sentimentos e cuidados físicos. Elaboraram apresentação teatral com temas específicos sobre homofobia e pedofilia, com subsequente reflexão sobre cada tema, e fizeram exposições orais e gráficas das pesquisas elaboradas, bem como compartilharam as informações com as demais classes dos quintos anos cujas professoras permitiram a troca. Assuntos e práticas que demandaram alguns dias de trabalho coletivo.

Mais do que descrever as ações que foram estabelecidas a partir da leitura das curiosidades trazidas pelas crianças, o importante é ressaltar que num currículo estabelecido por meio do diálogo, quando tratamos das questões relacionadas à sexualidade, as ações pedagógicas não devem ter o caráter diretivo, de aconselhamento individual, invadindo a intimidade e o comportamento de cada aluno. Trata-se de preencher as lacunas das informações que ele já possui, criando a possibilidade de ele próprio formar as suas opiniões sobre o que foi tratado, debatendo os valores e os comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilitando assim desenvolver nos alunos atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus (Brasil, 2000).

O maior desafio da escola e dos educadores relacionado à sexualidade é entender definitivamente que alunos e alunas, quando adentram o espaço escolar, trazem consigo mente e corpo carregados de experiências, vivências e valores adquiridos no convívio familiar e de outros agentes sociais como amigos, mídia e igreja. Expressam a sua sexualidade com os seus tabus, preconceitos, ideias e estereótipos e cabe aos educadores desenvolver ações críticas, reflexivas e educativas que auxiliem estas crianças a se tornarem adultos com capacidade de lidar com a sua sexualidade, respeitando o outro com as suas diferenças e semelhanças, adquirindo o cuidado com o seu próprio corpo, associando as questões da sua sexualidade com o amor, afeto e respeito e aprendendo a relacionar-se com o outro de uma forma respeitosa. Ações que desvinculem o tema das questões meramente biológicas, como matéria para ser avaliada ao final de um bimestre. Ações que promovam de fato um diálogo sobre as reais curiosidades das crianças, promovam conhecimento e condições para que eles criem seus próprios valores.

Para estabelecer ações no coletivo que se encaminhassem para o desenvolvimento de ações mais plurais e contextualizadas com todos os alunos da escola, estabeleceu-se, nesta mesma unidade onde ocorreram as práticas pedagógicas que proporcionaram o levantamento das curiosidades dos alunos do quinto ano do ensino fundamental, uma pesquisa com os professores que estavam atuando na docência dos quintos anos, num total de cinco professores. A entrevista também se estendeu a mais onze professores que atuavam com crianças do quinto ano em escolas próximas.

Foi entrevistado um total de dezesseis professores. Todos com formação superior, seis professores com especialização em educação. Todos os entrevistados possuem uma experiência docente acima de dez anos. A grande maioria é de religião católica, sendo dois protestantes. A entrevista foi composta por oito perguntas e

abordou assuntos referentes às suas práticas educacionais relacionadas ao tema sexualidade e gênero, tais como: Qual é o papel da educação na sociedade? Você considera importante abordar o assunto sexualidade na sua prática educacional? Se sim, em qual momento? Se não, por quê? Você encontra dificuldades para abordar o assunto sexualidade com os seus alunos? Se sim, quais? Comente qual é a sua interpretação em relação ao papel da família no tocante ao tema sexo e sexualidade. Quais são os instrumentos pedagógicos utilizados para a apresentação do tema sexualidade com os seus alunos? Estas e outras perguntas foram acompanhadas de um questionário de identificação pessoal, que possibilitou delinear o perfil destes profissionais.

O resultado demonstrou que a grande maioria dos professores entrevistados segue um cronograma curricular respeitando a ordem do livro didático, relacionando o tema especificamente a área biológica, ignorando a possibilidade da interdisciplinaridade. Consideram um desafio abordar os temas mais íntimos, atribuindo o papel desta função à família, confirmando que um número razoável de professores apresenta alguma dificuldade para abordar o tema. Atribuem ao tema sexualidade o conceito de conteúdo proposto para a série ou ano, denominado “sistema reprodutor”, e acreditam que no final da exposição é necessário avaliá-lo para averiguação da aprendizagem. A grande maioria apresenta exatamente o que o livro didático propõe, sem muita abertura para as discussões, utilizando-se como ferramenta a leitura do mesmo. Ironicamente todos, sem exceção, atribuem à educação o papel de formar cidadãos críticos e com capacidade para transformar a sua realidade e a sociedade.

Concluiu-se a necessidade de se incluir na formação continuada de todos os professores uma análise mais reflexiva sobre o real significado de formar para a cidadania e com criticidade. Este objetivo vai além da consciência da necessidade. Ele precisa se concretizar em ações que levem à sua execução e que, no entanto, se mostram ausentes quando pesquisamos a prática docente.

Percebeu-se que, ao se tratar especificamente do assunto sexualidade, as práticas são individuais, sem troca entre seus pares, bem como se restringem ao que está posto nos livros, sem abertura para o diálogo e, portanto, sem a possibilidade de criar na sala de aula um ambiente de confiança onde as crianças possam de uma forma prazerosa compartilhar as suas dúvidas com o professor. Neste aspecto é importante ressaltar a fala de Cortella:

Assim, a criação e recriação do conhecimento na escola não estão apenas em falar sobre coisas prazerosas, mas, principalmente, em falar prazerosamente sobre as coisas, ou seja, quando o educador exala gosto pelo que está sendo ensinado, ele interessa nisso também o aluno.(CORTELLA, 2011).

A experiência apresentada especificamente com o tema sexualidade demonstrou que a escola pode e deve proporcionar aos seus alunos momentos de diálogo que possibilitem ao professor perceber as suas necessidades sobre o que conhecer, como conhecer e para que conhecer. Com certeza, ao desvincular o ensino unicamente do currículo que está prescrito e associá-lo às leituras do cotidiano do aluno, seja em que área for, tornará a escola um lugar com certeza mais prazeroso, onde ensino e aprendizagem poderão ocorrer simultaneamente.

APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE

A escola constitui-se um importante agente social onde crianças e jovens manifestam a sua sexualidade e rejeitá-la ou ignorá-la, muitas vezes de forma repressiva, é também reproduzir valores que acabam sendo absorvidos pelos alunos, fortalecendo a ideia de que sexo e sexualidade são assuntos proibidos e que não será a escola quem possibilitará esclarecimentos.

A pesquisa realizada demonstra que quando crianças dentro do espaço escolar são envolvidas em um clima de diálogo, de ações pedagógicas que possibilitam a problematização das questões trazidas por elas, o conhecimento se concretiza e as transformações almejadas são alcançadas.

Abordar a dimensão da sexualidade neste contexto para as crianças torna-se algo simples e necessário, contudo é imprescindível que haja um processo de intervenção responsável, intencional e sistemático, que inclui o esclarecimento das dúvidas, o questionamento das posições estanques e a ressignificação das informações e valores incorporados e vivenciados no decorrer da vida de cada criança e de cada jovem (Sayão, 1997).

Tratando sobre a importância de uma ação pedagógica calcada na prática do diálogo, vale ressaltar a fala de Paulo Freire:

O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte do nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos. [...] é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre a sua realidade tal como a fazem e refazem. Outra coisa: na medida em que somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros, enquanto nos tornamos mais capazes de saber que sabemos que é algo mais do que só saber. [...] Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade. (FREIRE, 1996, p.122-123)

Outro aspecto importante que vale destacar é a necessidade de professores se despirem dos seus tabus e medos e se sentirem à vontade para se relacionar com seus alunos, sem medo de serem adultos no momento em que se aproximam deles, de suas intimidades e segredos, usando como instrumentos a linguagem somente (Sayão, 1997, p.104). Desvincular o tema das questões meramente biológicas, como se somente especialista em área afim fosse capaz de assumir a função. Cada professor, adequadamente instrumentalizado, se apropriando de leituras sobre as questões relacionadas à sexualidade, pode plenamente desenvolver o tema, sendo fundamental sua postura ética, de escuta, reconhecendo como legítimas as questões trazidas pelos seus alunos.

A pesquisa traz a importância da escola como um todo pensar coletivamente sobre a importância de se incluir no seu projeto político-pedagógico momentos de reflexão sobre o desenvolvimento do tema sexualidade com os seus alunos, respeitando o tempo de cada classe. Foi possível notar que dentro de um mesmo espaço escolar os objetivos e as práticas divergem, não havendo intenções e ações comuns.

E, finalmente, à medida que professores comprometidos com o ato de educar possibilitam, através do diálogo, assuntos que despertam interesses em seus alunos, estão, de certa forma, promovendo uma escola que valoriza todo o contexto cultural, social e afetivo e, portanto, vão promover uma escola feliz. Onde há felicidade, há aprendizado e crescimento.

SEXUALITY IN THE CURRICULUM OF “FIFTH YEAR”¹ OF ELEMENTARY SCHOOL: CHALLENGES FOR TEACHERS

ROSEMEIRE VALENTIM PAZZINI

ABSTRACT

This article discusses the importance of including in the educational practices with children in the fifth year of elementary school time and space to deal with issues related to sexuality, from reading that makes their own curiosities brought by students, based on a design curriculum devoted to the dialogue. The study took as reference the account of practices occurring in a public school in the city of Osasco. Presents the main questions brought by the fifth graders of elementary school, demonstrating that sexuality related to emotions, feelings and the way we relate to each other, brings unrest since childhood, they need to be heard by educators within the school context. As a challenge presented, the article will also make a study of the main difficulties encountered by teachers of that school and surrounding schools in dealing with these concerns. To demonstrate these difficulties, we used a qualitative methodology, with data collections made through semi-structured interviews covering topics of gender and sexuality as a category of analysis. As a result the study points to the need for schools and teachers to review their practices in relation to affective and sexual education of our children, because the topic is extremely interesting for students, demand pedagogical, social, cultural and health.

KEYWORDS

Sexuality. Dialogue. Curriculum. Education. Sex education. Curiosity. School and family.

¹ Elementary school is one of the stages of basic education in Brazil. It lasts nine years, for all children aged 6 to 14 years old.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio Groppa. (Org). **Sexualidade na Escola, Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo. Summus, 1997, p. 9.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2000.

BRITZMAN, Débora. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogia da sexualidade**, 2ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2003.

CORTELLA, Mario Sérgio. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.102.

FACCIOLI, Ana Maria de Camargo; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade e Infância: a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo. Editora da Universidade de Campinas, 1999.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 5ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996, p. 122.

PADILHA, Paulo Roberto. Identidades sexuais e as diferentes orientações afetivas sexuais: desafios na Eja. *In*: **Projeto Mova Brasil, Desenvolvimento e Cidadania**, 2011.

_____. **Planejamento Dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2007, p.98.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre Educação**. São Paulo. Xamã, 200, p.38.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. *In*: AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na Escola – alternativas teóricas e práticas**. 4ª ed. São Paulo, Summus, 1997.

_____. **Orientação Sexual na Escola: os territórios possíveis e necessários**. *In*: AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na Escola – alternativas teóricas e práticas**. 4ª ed. São Paulo, Summus, 1997.